

## **A União Faz O Fascio: Como *Cobra Kai* Pode Ser Considerada Uma Alegoria Para A Ascensão da Extrema-Direita Nos Estados Unidos<sup>1</sup>**

Lívia Maria Pinto da Rocha Amaral CRUZ<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

### **RESUMO**

O trabalho a seguir pretende refletir sobre como o fascismo coopta seguidores a partir da análise da série estadunidense *Cobra Kai* (2018-). A série foi lançada pela plataforma Youtube Premium (antiga YouTube Red). Derivada da série de filmes dos anos 1980 *Karatê Kid* (*The Karate Kid*), traz os antigos rivais Daniel LaRusso e Johnny Lawrence de volta à memória do público. Ao compreender a série como uma alegoria de como o fascismo ganha voz e chega ao poder, o artigo pretende, através da obra, fazer uma breve análise sobre o momento atual de ascensão de partidos de extrema-direita no séc. XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção Seriada; *Cobra Kai*; *Karatê Kid*; Extrema-Direita; Fascismo.

### **Introdução**

A série *Cobra Kai*<sup>3</sup> foi criada por Josh Heald, Jon Hurwitz e Hayden Schlossberg e lançada pela plataforma paga *Youtube Premium* (antiga *YouTube Red*) em 2018. Derivada da série de filmes *Karatê Kid* (*The Karate Kid*), que chegaram às telas de cinema na década de 1980, o *spin-off* traz de volta à vida, após mais décadas, os personagens Daniel LaRusso (Ralph Macchio) e Johnny Lawrence (Daniel Zabka) e sua antiga rivalidade.

Apesar de não ter muitos assinantes, a série conquistou fãs e elogios da crítica. Nesse ano de 2020, após o site *Youtube* desistir de produzir conteúdos de ficção

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestra em Múltiplos Meios pela Unicamp, e-mail: [livsrocha@gmail.com](mailto:livsrocha@gmail.com).

<sup>3</sup> COBRA KAI. (Temporada 1 e 2) [Seriado]. Direção: Hayden Schlossberg, Jennifer Celotta, Josh Heald, Steve Pink, Michael Grossman, Lin Oeding. Estados Unidos: Netflix, 2018-19. Streaming, cor. 20 episódios.

---

originais<sup>4</sup>, a série chegou a um público maior ao migrar para a plataforma de *streaming* *Netflix*.

Tendo sua estreia mundial em agosto, com as duas temporadas até agora lançadas, a série se tornou um sucesso<sup>5</sup> com grande número de acessos e novos fãs. Com a terceira temporada com data de lançamento marcada para janeiro de 2021 e a quarta temporada já confirmada<sup>6</sup>, a série agrada tanto antigos fãs dos filmes quanto jovens que estão entrando em contato com essas histórias pela primeira vez.

Centrada agora na figura do antigo antagonista, Johnny Lawrence, a série continua girando em torno das rivalidades entre os antigos oponentes. LaRusso, bem sucedido profissionalmente, de início aparece como uma assombração na vida de Lawrence, uma pessoa fracassada em todas as esferas de sua vida que começa uma nova jornada. Sem um emprego fixo, com problemas com álcool e sendo um pai ausente, o personagem, em uma tentativa de resgatar seu respeito próprio e reconstruir sua vida, ressuscita seu antigo e problemático dojo<sup>7</sup> Cobra Kai.

É interessante apontar que a série, foge dos maniqueísmos. Não há mocinho ou vilão ao retratar esses dois personagens antagônicos. Vicent Haddad, em seu artigo intitulado “*Masculinity on the mat*”<sup>8</sup> (tradução: Masculinidade no tapete) para o site *Public Books*, afirma que Cobra Kai é um ponto fora da curva da recente nostalgia problemática com os anos 1980, nos EUA, que trouxe relançamentos de produtos de sucesso na década. Séries como *Roseanne* (1988- 1997, *remake* 2018) e *Dinastia* (1981-1989, *remake* 2017-), voltaram ainda preservando a aura de suas versões originais.

Ao propor essa releitura dos personagens, os criadores de Cobra Kai propuseram o mesmo que muitas outras obras da chamada cultura pop estão fazendo

---

<sup>4</sup> Disponível em: <

<https://canaltech.com.br/entretenimento/youtube-pode-ter-desistido-de-produzir-conteudo-original-135541/>>

Visualizado: 06/08/2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <

<https://www.uol.com.br/splash/colunas/roberto-sadovski/2020/09/17/o-sucesso-de-cobra-kai-se-resume-a-um-nome-netflix.htm>> Visualizado: 12/09/2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2020/10/02/cobra-kai-sequencia-de-karate-kid-e-renovada-para-4-temporada.htm>> Visualizado: 12/09/2020.

<sup>7</sup> Dojo somente se refere ao espaço físico onde se desenvolve o treino de determinada arte marcial japonesa, enquanto academia se refere ao lugar onde se pratica alguma modalidade esportiva, ou não. Logo, *Dojo é o lugar* onde se pratica o caminho de uma arte marcial. Disponível em: <  
<https://www.segmentodojo.com.br/o-dojo/o-que-e-dojo/>> Visualizado: 20/09/2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.publicbooks.org/masculinity-on-the-mat/>> Visualizado: 25/10/2020.

---

hoje em dia, como a própria Walt Disney Company, ao modernizar suas novas histórias de princesas e criar releituras em seus novos remakes de antigos clássicos em *live action*<sup>9</sup>.

Gravitando em torno desse personagem, um anti-herói que procura sua redenção, a série apresenta comentários sutis sobre uma sociedade americana dividida, abordando questões como *cyber-bullying*, masculinidade tóxica e pertencimento, podendo assim ser considerada uma alegoria que exemplifica as estruturas da sociedade atual.

Com o artigo se propondo discutir o que é fascismo, utilizaremos como objetivos a descrição e a exploração,, através da análise da trama da série. A partir de uma abordagem qualitativa, tentaremos apontar como o facismo surge na trama, dialogando com como se apresenta atualmente e chega ao poder, utilizando os eixos temáticos contextualizados para tal.

## **1. Um produto de seu tempo: Problemas políticos e sociais na chamada *Peak TV***

Servindo como uma metáfora de como a extrema-direita ascende politicamente e de como as forças democráticas, as esquerdas, o progressismo, falham em tentar barrá-las, a série traz ao público não apenas um *revival* de um clássico adolescente de décadas atrás, mas sim uma obra que reflete o cenário em que está inserida, a chamada Era Trump.

Para o historiador Marc Ferro (1992), as obras audiovisuais possuem elementos que viabilizam uma análise da sociedade diversa e, para isso, temos que analisar não só a mensagem presente, mas trazê-la para um universo maior, assim precisamos levar em consideração elementos importantes como, onde, quando e com qual propósito/ por quem foi produzida.

Partindo dessa afirmação, é interessante apontar que os filmes da série foram lançados na chamada Era Reagan (1981-1989), outro momento em que um governante de direita, conservador, com políticas classistas e neoliberais estava no comando do

---

<sup>9</sup> Disponível em:  
<<https://oglobo.globo.com/celina/o-que-ha-de-feminismo-nas-novas-princesas-disney-nas-releituras-em-live-action-c-omo-aladdin-23736655>> Visualizado: 25/10/2020.

---

país. No período em que a obra cinematográfica foi lançada, houve uma nostalgia dos anos 1950<sup>10</sup>, quando uma visão de futuro foi gerada a partir de um retorno aos ideais da época, trazendo uma crítica, por exemplo, à emancipação feminina e questões com os direitos civis de negros e pessoas pertencentes a comunidade conhecida atualmente como LGBTQI+.

O filme, como muitas outras produções da época, voltadas para o público adolescente, nos apresentava o desejo que o projeto econômico apelidado de *Reaganomics* se desenhava no imaginário dos indivíduos, com o intuito de elevar a autoestima de determinada camada da população: assim, um garoto “azarão” consegue “subir na vida”, vencendo uma competição através de muito esforço e treino<sup>11</sup>. (JORDAN, 2003, 68)

Agora, em plena Era Trump, *Cobra Kai* conversa com o espírito de seu tempo, o *zeitgeist*<sup>12</sup> do momento. Se, anteriormente os filmes refletiam o discurso da época<sup>13</sup>, a série faz o caminho contrário, ao trazer ao espectador, em suas entrelinhas, como a extrema-direita e seus ideais fascistas coopta seguidores, fazendo uma espécie de crítica velada, ou até de “documento histórico”. No pequeno microcosmo californiano em que os personagens vivem, a série reproduz não só o comportamento social estadunidense que elegeu Donald Trump, como também podemos trazer certos aspectos para a realidade brasileira e a eleição de Jair Bolsonaro, como veremos mais a seguir.

Sobre isso esse quase “protagonismo histórico” da série, podemos citar o que o filósofo Giorgio Agamben entende por contemporâneo, onde seus roteiristas, ao olharem para o escuro de nosso presente, experimentam a contemporaneidade. Pare ele, “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”. (AGAMBEN, 2009, p. 63)

Mas a produção não é a única que se dispôs a tratar do assunto a partir de alegorias e metáforas, *Cobra Kai* faz parte de uma leva de produções lançadas no pós

---

<sup>10</sup> Vide: <<http://www.alphavillejournal.com/Issue%203/HTML/ArticleDwyer.html>> Visualizado: 15/09/2020; <<https://www2.bfi.org.uk/news-opinion/sight-sound-magazine/features/1980s-american-indie-teenagers-reagan-era-cinema>> Visualizado: 15/09/2020 e <[https://americanpopularculture.com/archive/politics/reagan\\_era\\_films.htm](https://americanpopularculture.com/archive/politics/reagan_era_films.htm)> Visualizado: 15/09/2020

<sup>11</sup> Ironicamente, com a doutrina neoliberal de novo em voga, como política econômica “ideal” a ser seguida, esse discurso meritocrático voltou com toda força, inclusive em território brasileiro.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.lexico.com/definicao/zeitgeist>> Visualizado: 25/10/2020.

<sup>13</sup> De certa forma pois, o filme, através do personagem de Pat Morita, condenava a violência e o belicismo, se opondo a doutrina americana em plena Guerra-Fria.

---

2016<sup>14</sup> que direta ou indiretamente falam do tema. Na chamada *Peak TV*, onde, como vimos acima, vários conteúdos são lançados anualmente, produções bem acabadas e que tenham alguma importância político-social na atualidade ganham visibilidade, indo de encontro com os anseios de possíveis espectadores que não concordam com o posicionamento dos governantes e do ideário da extrema direita e buscam maneiras de gerar diálogos com o restante da sociedade.

O filósofo Douglas Kellner (2001) aponta que ao refletirmos sobre a questão do discurso de produtos audiovisuais e seus reflexos nos processos de construção e reconstrução das identidades, aproximando os espectadores da obra por atos de identificação ligados à vida cotidiana, podemos notar que as ficções seriadas são capazes de causar forte influência culturalmente, modificando o olhar dos mesmos sobre o tema.

Sobre a chamada *Peak TV*, podemos defini-la a partir da periodização da história da televisão americana feita por Reeves, Rogers e Epstein (1996, 2002, 2006, 2007, apud BIANCHINI, 2017, p. 2), onde nos encontramos atualmente em uma espécie de pós *Segunda Era de Ouro da Televisão Americana*, que se consolidou a partir dos anos 2000, com narrativas seriadas de maior qualidade<sup>15</sup> nos canais de televisão (SILVA, 2014).

Com o advento dos serviços digitais de *streamings* como *Netflix*, *Amazon Prime Video* e *Hulu*, chegamos a um momento onde muitas séries são produzidas e lançadas, criando um pico (en: *peak*) a cada ano de produções a serem consumidas<sup>16</sup>. Apesar do mercado ter uma concorrência esmagadora, ele (ainda) continua equilibrado, pois o sucesso das séries televisivas estadunidenses é um fenômeno mundial (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2018, p. 195, 196).

Assim, séries como as ficções de horror *Lovecraft Country* (2020-) e fantasia *Watchmen* (2019), ambas lançadas pela HBO e que tem como temática questões raciais em pleno momento de convulsão social contra a violência policial com o movimento *Black Lives Matter*. E os dramas distópicos, *Years and Years* (2018), também da HBO, mas em parceria com a BBC inglesa, e *The Handmaid's Tale* (2017-) da Hulu, que

---

<sup>14</sup> Ano em que o presidente estadunidense Donald Trump foi eleito.

<sup>15</sup> O famoso padrão HBO.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://variety.com/2016/tv/news/peak-tv-2016-scripted-tv-programs-1201944237/>> Visualizado: 01/10/2020.

---

apresentam uma possível realidade próxima, onde governos ultraconservadores e teocráticos chegam ao poder. Ao abordarem assuntos como racismo, supremacia branca, crises econômicas e ambientais, essas produções se tornam muito mais do que uma forma de entretenimento.

Também é interessante dizer que essas séries trazem para o protagonismo grupos minoritários através de seus personagens negros, LGBTQs e mulheres. Sobre isso, a crítica literária Linda Hutcheon afirma ser uma tendência da chamada arte pós-moderna. Para ela, “A arte e a teoria pós-modernistas têm reconhecido de forma autoconsciente seu posicionamento ideológico no mundo, e têm sido estimuladas a fazê-lo” (HUTCHEON, 1991, p. 228), para trazer uma reparação a todos aqueles que antes eram silenciados.

As obras passam, então, a alertar seus espectadores sobre as diversas formas que nosso tecido social pode ser destruído, nos apresentando possíveis cenários catastróficos para o projeto civilizatório. Essas séries, ainda que não espelhem a realidade, são um instrumento de compreensão simbólica da realidade (JOST, 2012).

## **2. *Cobra Kai never dies: o que significa o fascismo?***

Apesar do tema e a expressão estarem cada dia mais em voga, se faz necessário pontuar tanto o significado etimológico e histórico quanto o político-ideológico da palavra. O termo fascismo é originado da palavra latina *fascio/fasces*, que designava um feixe de varas amarradas em volta de um machado. O artefato era empregue como um símbolo de poder no período da antiga República Romana (509 a.C. a 27 a.C), onde magistrados da época o utilizavam com o intuito de punir com castigos ou de aplicar a pena capital aos cidadãos que desobedecessem.

Seu significado histórico surge quando Benito Mussolini adota o instrumento como símbolo de seu partido, o Partido Nacional Fascista (PNF), em 1921, nomeando, assim, seus seguidores como fascistas. O simbolismo presente no *fascio/fasces* sugere "a força pela união", onde um único feixe de madeira é facilmente quebrado, mas, a união de vários os faz fortes e difíceis de sucumbir.

Já no sentido político, o termo correto seria fascismos, já que existiram formas diversas de como esse modelo ideológico foi implementado nos países. Acima de tudo,

---

podemos considerá-lo como uma ideologia ultranacionalista e autoritária, na qual o poder se concentra nas mãos de uma só pessoa, o líder, uma figura carismática que se utiliza de uma retórica inflamada para conduzir a população às suas crenças e pontos de vista.

Robert Paxton, em sua obra intitulada *A anatomia do fascismo* (2007), caracteriza o movimento como uma forma de comportamento político que se populariza, através de uma preocupação obsessiva com a decadência e humilhação de seu povo, vistos sempre como vítimas de alguma ameaça externa. Esse senso de crise catastrófica iminente leva a população a se apegar a solução proposta pelo líder, que irá conduzi-la ao resgate de tempos melhores de outrora.

Assim, a partir de cultos compensatórios para trazer a unidade, muitas vezes enaltecendo a energia e a pureza daquele povo e colocando-o como superior, cria-se um imaginário coletivo onde é permitido dominar e exterminar os demais, sem qualquer restrição de lei humana ou divina (PAXTON, 2007, p. 358-359).

Se utilizando de milícias engajadas com os desejos do líder, o desprezo por qualquer liberdade democrática, conluio com as elites tradicionais, um nacionalismo extremo, a ideia de que os interesses individuais devem estar subordinados aos interesses da nação (sendo esses os interesses que o líder tem para ela) e a aceitação da necessidade de uma violência redentora para se chegar ao objetivo (ibidem, p. 359), os líderes fascistas chegam tanto ao poder quanto aos corações e mentes da população. Onde, quase que de forma irracional, se configura como uma experiência histórica da barbárie, surgindo no mesmo solo ocidental que semeou o humanismo.

### **3. Ataque primeiro, ataque com força: um breve resumo da história de Cobra Kai**

Como foi visto no início deste trabalho, a série é centrada no personagem de Johnny Lawrence e a sua busca por tentar colocar a sua vida no lugar. As coisas começam a mudar quando Lawrence ajuda a separar uma briga na qual seu jovem vizinho Miguel Diaz (Xolo Maridueña), um imigrante equatoriano e filho de mãe solo, é atacado por um grupo de valentões de seu colégio.

---

Após o incidente e uma ajuda financeira de seu ex-padrasto, com o qual não nutre uma relação amigável, o personagem vê, na reabertura do seu antigo dojo de treinamento, a chance de se reestruturar. Ao chamar Miguel para ser seu pupilo, a série traz uma releitura do início da saga cinematográfica.

No início, a procura dos alunos por seu estabelecimento é baixa, porém, após Miguel se defender dos valentões da escola através do que aprendeu, na frente dos outros alunos, o empreendimento do sensei começa a atrair interessados em aprender a se defender com a arte marcial. Os novos alunos são jovens fora do padrão, marginalizados da escola de Miguel, compondo o grupo adolescentes negros, gordos, *nerds* e etc. Ironicamente, seu público-alvo se torna exatamente o oposto do qual costumava frequentar o antigo Cobra Kai. Ou seja, vítimas de *bullying* e com uma autoconfiança baixa.

Quando Daniel LaRusso vê seu adversário da adolescência reabrindo o Cobra Kai, local que era pautado por um treinamento violento, por culpa do antigo treinador John Kreese (Martin Kove). Daniel, lembrando as violências e disputas da juventude decide tentar sabotar o empreendimento, trazendo à tona a antiga rivalidade entre os dois.

Coincidentemente, o filho problemático de Lawrence, Robby (Tanner Buchanan), começa a trabalhar em uma das lojas de LaRusso, que agora é dono de uma rede de concessionária de carros, para criar um atrito com o pai ausente. Em sua tentativa de conflito, o jovem é surpreendido pelo afeto e atenção do patrão, que assim como Lawrence com Miguel, enxerga nele um pupilo e também decide treiná-lo, reabrindo o dojo de seu antigo mestre, Sr. Miyagi (o já falecido Pat Morita), o Miyagi-Do Karate, passando seus ensinamentos, e mostrando a importância da luta para a defesa e não o ataque.

É nesse embate que inicialmente a série vai construindo a sua narrativa, trazendo tanto a tentativa de Lawrence refazer sua vida, reabrindo seu antigo dojo de treinamento, conquistando o respeito e ajudando seus alunos a desenvolverem autoconfiança. Por muitas vezes, a abordagem do protagonista traz os métodos e um discurso antiquado para o momento atual, que refletem os métodos de seu antigo sensei. Além disso, há uma revisitação da trama original, com Miguel e Robby se tornando não



---

só rivais no tatame, mas na vida, ao disputarem o amor de Samantha (Mary Mouser), primogênita de LaRusso.

Porém, a obra vai além dessa revisitação a um grande clássico nostálgico repaginado para os dias atuais. A série faz mais do que adicionar mais camadas ao antigo enredo, a produção apresenta, de forma sutil, uma discussão muito mais profunda sobre os mecanismos do fascismo, através de uma mensagem que pode até passar despercebida pelos incautos, porém é mais que presente.

#### **4. A revolta dos injustiçados: a ascensão da extrema-direita através de alegorias**

A série é exibida um momento no qual tanto nos Estados Unidos quanto em vários outros países, como o próprio Brasil, a extrema-direita cresce em adeptos e o fascismo ressurge se remodelando. Para entendermos a série como uma alegoria da ascensão da extrema-direita ou, como no inglês é chamada, *alt-right*, precisamos primeiro entender o que são alegorias.

Por alegoria, o teórico de Cinema Ismail Xavier em *A alegoria histórica* (2005), define como noção de alegoria “a concepção de que um enunciado ou uma imagem aponta para um significado oculto e disfarçado, além do conteúdo aparente” (p. 345). Etimologicamente, o termo deriva do grego *allegoría*<sup>17</sup>, o qual, de acordo com o Dicionário Priberam<sup>18</sup> é o “modo indireto de representar uma coisa ou uma ideia sob a aparência de outra”.

A alegoria é um dos recursos retóricos mais discutidos teoricamente ao longo dos tempos. Ao contrário da metáfora, a mesma se amplia a expressões ou textos inteiros. Mas para isso, como apresenta Xavier, é necessário que haja identificação do espectador com os processos alegóricos (*ibidem*, p. 357). Assim, por este trabalho ser no campo audiovisual, ao embasarmos as análises das alegorias presentes como pano de fundo das histórias, que observamos como funcionam os símbolos presentes nas obras.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/alegoria>> Disponível: 01/10/2020.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/alegorias>> Visualizado: 24/10/2020.

---

Ironicamente, podemos citar o filme alemão *A Onda* (2008)<sup>19</sup>, no qual um professor tentando explicar sobre autocracia para uma turma de ensino médio, propõe um experimento que explique na prática os mecanismos do fascismo e da ditadura. Porém, indo além dos limites, o experimento acaba desencadeando consequências inesperadas (HEIJMANS; GUIMARÃES, 2013, p. 1), como uma certa comparação livre. Só que diferente do longa, Lawrence não está propondo nenhum experimento social e sim pondo em prática o seu modo de lidar com a vida.

No início da série, vemos um personagem que parece não só não ter superado os dramas e conflitos da adolescência, sua época de ouro, a qual foi despedaçada pela chegada de seu rival, mas também os costumes de sua década, os anos 1980. Acomodado, é um racista casual, machista e um analfabeto digital, ou seja, totalmente antiquado para os dias atuais. Ele não é uma má pessoa, só teve seu desenvolvimento como cidadão atrofiado por uma criação não saudável em casa, com um padrasto que não lhe nutria afeto e seu ex-treinador Kreese, uma figura paternal fora de casa, que era violenta e nociva.

Mas o grande trunfo da série e do personagem é esse, ao invés de descrever Lawrence como um fracasso deplorável, merecedor de todo o seu infortúnio, a série convida os espectadores a ter empatia por ele, enquanto ele luta para se firmar em cima do seu talento, da única força que tem, o karatê, em um mundo que ele mal entende. Quando o personagem começa a acordar do entorpecimento em que se manteve até então e começa a sair da casca em que viveu ao longo de todos esses anos, ele precisa se adaptar à nova realidade, que vem com a abertura de seu dojo e o contato com seus novos alunos.

Como o artigo jornalístico intitulado “Cobra Kai: Karate Kid spin-off is a social parable for our times”<sup>20</sup> (pt: Cobra Kai: O spin-off do Karate Kid é uma parábola social para os nossos tempos), publicado no site The Conversation pelos acadêmicos Craig Owen, Alex Channon e George Jennings coloca, podemos entender Lawrence como um dos homens “deixados para trás” da América contemporânea, como uma alegoria da

---

<sup>19</sup> Baseado em uma história real que aconteceu na década de 1960, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1508200907.htm#:~:text=Para%20provar%20que%20sim%2C%20um%20Alto%2C%20Calif%C3%B3rnia%2C%201967.>> Visualizado: 20/09/2020.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://theconversation.com/cobra-kai-karate-kid-spin-off-is-a-social-parable-for-our-times-101530>> Visualizado: 25/10/2020.

---

vasta parcela de eleitores médios que levaram Donald Trump ao poder, “um conjunto de homens brancos de meia idade, que não vislumbram mais o sonho americano, uma geração que viu cair por terra todo um imaginário em torno do *self-made man*, de certo modo tudo o que os fazia se entenderem como americanos” (POGGI, 2018, p. 327), que culpam sempre os “outros”, no caso, os imigrantes, as mulheres, os LGBTs, as pessoas de cor, pelo seus fracassos ou, no mínimo, por terem tirado seus privilégios que sempre foram entendidos por eles como direitos.

Por consequência de seu contato com Miguel, Lawrence acaba tendo como alunos figuras minoritárias, às margens do ideal de sucesso preconizado pelo chamado *american way of life*, tendo como missão ensiná-los a se defenderem das violências que sofrem em suas realidades escolares. O personagem, que sempre esteve do outro lado dessa disputa, do lado dos valentões, dos privilegiados, agora se vê tendo que treinar o perfil de suas antigas vítimas e, faz isso da única forma que conhece: através do embrutecimento, ao prepará-los sempre para o ataque.

Em contrapartida, LaRusso, que nos filmes era um rapaz pobre, ascendeu economicamente e se acomodou em sua vida confortável, fazendo com que sua visão sobre a volta do dojo Cobra Kai e seu desejo por sabotagem ganhe um discurso paternalista e, até, presunçoso. Ou seja, por mais que o método de ensino de Lawrence, herdado de seu antigo treinador Kreese, não seja o correto na sua visão de luta, o discurso de “nós x eles” ou “tudo o que vem do Cobra Kai é errado”, cria um abismo de diálogo que, prejudica todos ao seu redor, incluindo sua filha Samantha, que tem seu relacionamento com Miguel prejudicado.

LaRusso e sua falta de diálogo representam na história a alegoria dos tempos atuais, mostrando como os setores progressistas e democráticos, enfrentam uma dificuldade para dialogar e entender como uma vasta da parcela da população acaba sendo seduzida e seguindo os ideais totalitários e, por fim, combatê-los. Em sobre como esses setores, até por meio de uma “superioridade moral” acabam se fechando em suas bolhas<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Podemos citar o cantor e compositor brasileiro Mano Brown que, em um comício na cidade do Rio de Janeiro, de apoio ao candidato à Presidência da República em 2018, Fernando Haddad, discursa criticando a postura do partido ao ter deixado de dialogar com a bases. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6TS2zr3pvU>> Visualizado: 25/10/2020.

---

Assim, a narrativa inicialmente segue em torno das tentativas de Lawrence de atualizar e reabilitar o mantra Cobra Kai de “ataque primeiro, ataque forte, sem piedade” para essa realidade. Ao contrário do filme, cujo lema é retratado como uma visão negativa do karatê, na série, torna-se uma fonte de força e orgulho para aqueles que lutam em um mundo que os rejeita diariamente.

Os alunos, ao começarem a encarar o karatê como uma forma de assumir o controle de suas próprias vidas, se reinventam de perdedores acovardados a cobras durões. No processo, eles questionam os métodos de seu sensei, porém, acabam por aceitar sua linguagem politicamente incorreta, os valores conservadores de gênero e o estilo de ensino severo, pois o método para eles passa a importar menos do que o resultado.

O pesquisador Alexandre Linck Vargas, fez uma crítica sobre a série em seu canal na plataforma *Youtube*, *Quadrinhos na sarjeta*<sup>22</sup>. Para ele, Lawrence mesmo sendo machista, homofóbico e preconceituoso, consegue ser mais acolhedor que qualquer palestra *anti-bullying* que seus alunos podem ter na escola. Esses jovens não querem se sentir aceitos de uma forma quase paternalista, mas sim serem empoderados e, no dojo Cobra Kai, eles acham essa força, mesmo que ela seja bruta.

No dojo, eles se encontram em uma unidade, assim como a etimologia da palavra fascismo sugere. A sensação de pertencimento<sup>23</sup> que eles encontram naquele ambiente, o senso de comunidade e acolhimento é grande. Baudrillard (1985) aponta que, na massa, a polaridade de uma pessoa e de outras desaparece, todos se tornam uma unidade.

A partir dessas ideias, podemos entender como os pertencentes a grupos minoritários abraçam o pensamento da extrema-direita. Em uma reportagem recente, a jornalista Mariana Sanches da BBC News Brasil<sup>24</sup> conversou com imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, legais e ilegais, para tentar entender o que os leva a apoiarem o presidente Donald Trump, autor de políticas severas e controversas contra a imigração em solo estadunidense.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2RdKXTJeUmU&t=2s>> Visualizado: 03/10/2020.

<sup>23</sup> Sobre isso, é interessante apontar também o documentário *A Terra é plana*, de 2018, disponível na *Netflix*. O filme, ao apresentar o grupo denominado Sociedade da Terra Plana, mostra que muitos dos adeptos dessa “teoria”, se encontram ali pelo acolhimento que o grupo fornece a eles, em contrapartida ao sentimento de abandono que o resto de seus vínculos sociais proporciona.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54586257>> Visualizado: 26/10/2020.

---

Para eles, o conservadorismo e política econômica falam mais alto. Além de forte influência da comunidade religiosa e sua similaridade com o presidente Jair Bolsonaro, o qual eles também apóiam e se identificam. Muitos acreditam que os imigrantes ilegais indesejados são “os outros”, acreditando na política do “bom imigrante”.

Em relação à questão da identificação, Eliane Brum, em seu texto *O homem mediano assume o poder*<sup>25</sup>, explica muito bem sobre como a base de brasileiros que elegeu Jair Bolsonaro, não o elegeu por considerar ele um político apto para o cargo, mas sim por se identificar com o então candidato, enxergando nele a antítese de um líder usual que chega ao poder, enaltecendo sua mediocridade. Brum também soma à conta o ressentimento que essa parcela média brasileira tem com a perda de seus privilégios sociais e comportamentais, como foi visto anteriormente, além da perda de poder de compra pós crise econômica brasileira, iniciada em 2014.

Como no fascismo, no final da primeira temporada da série, o grupo de alunos aparece no torneio local da luta com seus gritos de guerra, uniformizados na cor preta. É ali que vemos claramente essa ideia de massa, de unidade, e enxergamos uma alegoria do retorno do fascismo sem atributo ou referência ao mesmo, obviamente. Ali, os alunos mostram seguir a doutrina do sensei.

Nesse aspecto, o personagem que mais representa essa força é o jovem Eli Moskowitz (Jacob Bertrand), amigo de Miguel. O jovem, que antes de entrar no dojo de Lawrence, era um tímido adolescente, fã da cultura *geek* e encarava um forte bullying por seu lábio leporino, acaba descobrindo seu talento no caratê e, com isso, ganha autoconfiança e se auto-batiza com o apelido de Hawk (pt. Águia).

Moskowitzjovem branco e hétero que na trama representa os ludibriados pelas forças da engrenagem do fascismo. Seu comportamento passa a se tornar cada dia mais violento e acaba reproduzindo todos os comportamentos dos que lhe perseguiram. Ao ganhar sua autoconfiança através de seu esforço na luta, incorporando a ideia do “*self-made man*”, o personagem representa o perfil do americano de direita extremista.

Grande parte da culpa se deve à volta de John Kreese para o Cobra Kai que, após reaparecer na cidade e manipular Lawrence para perdoá-lo e dá-lo uma chance,

---

<sup>25</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311\\_448043.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html)> Visualizado: 26/10/2020.

---

encabeça a milícia que se forma entre os jovens lutadores, sem o consentimento de Lawrence, a qual tem como objetivo destruir o Miyagi-Do. É nesse processo que a alegoria sai do significado etimológico e entra no metodológico.

O sexto episódio da segunda temporada, intitulado *Take a Ride*, é um episódio especial. Lawrence, ao receber a notícia de que um ex-companheiro de Cobra Kai de sua juventude está com um câncer terminal, sai em uma última aventura com ele e os outros amigos da época.

Ao conversar com os antigos companheiros, comenta que reabriu o antigo dojo onde treinavam e eles se assustam e alertam que reabrir o Cobra Kai significa trazer tudo de ruim que aquele lugar representava e representou para eles de volta. Assustados com a volta de Kreese, os amigos pedem para Lawrence ser cauteloso, pois não confiam nesse retorno.

A partir desse episódio, Lawrence passa a notar, de forma mais clara, as tentativas de interferência e manipulação de Kreese. O final da temporada (a última lançada até agora) tem como um dos ganchos a expulsão de Lawrence de seu próprio empreendimento por seu antigo mestre e vê, naqueles alunos quase que militarizados, um potencial temerário e violento e, em Kreese, um líder perigoso.

### **Considerações Finais**

Por ser uma obra que ainda não foi concluída, não se pretende, aqui, esgotar as discussões acerca do tema. Pelo contrário: este texto tem a intenção de iniciar reflexões acerca dessa obra tão interessante e atual. Ao contrário dos *reebots* que trazem uma nostalgia quase fetichizada dos anos 1980, *Cobra Kai* desenvolve uma crítica complexa sobre a *própria saga*.

Ao refazer seu texto de origem com diferenças menores, mas cruciais, a *série trata das chamadas* tensões geracionais para destacar a continuidade entre o passado e o presente. Em outras palavras, embora tanto a juventude atual como a sociedade em si, em sua maioria, repugne qualquer ideia de volta ao fascismo, a atração lembra como a suscetibilidade de sermos atraídos por esses discursos ainda existe.

Entendendo que cada série é um produto de seu tempo, *Cobra Kai*, através de seus personagens, traz por meio de alegorias representações de certos aspectos do

cenário político mundial da atualidade, onde governos de extrema-direita chegam ao poder e ganham popularidade.

Portanto, nessa disputa entre os personagens de Lawrence e LaRusso, e seus métodos de vivenciar o Karatê, temos uma visão plural de valores e caminhos que a sociedade atual segue para trilhar seu futuro. Nos resta torcer para que, tanto as próximas temporadas da série, quanto nossa própria realidade, encontrem caminhos para o diálogo e o combate dos ideais de extrema-direita.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AZUBEL, Larissa. Análise filmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV. **Revista GEMInIS**, v. 9, n. 2, p. 29-45, 20 nov. 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BIANCHINI, Maíra. **As Eras da TV dos Estados Unidos: História e Contexto das Séries Ficcionalas Televisivas**. In: XI Encontro Nacional de História da Mídia (Alcar), 2017, São Paulo: Anais do XI Encontro Nacional de História de Mídia (Alcar), 2017.
- CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. **A ascensão do showrunner: autoria e legitimidade na era da peak TV**. In: HOLZBACH, Ariane; REIS, Mayka. J. C. (Org.). **TeleVisões: reflexões para além da TV**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.
- FERRO, Marc. O filme, uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HEIJMANS, Rosimere; GUIMARÃES, Joana Regina. Análise do filme **A onda**. 2013.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JOST, François. **Do que as séries americanas são sintomas?** Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.
- JORDAN, Chris. **Movies and the Reagan Presidency: Success and Ethics**. Praeger, 2003.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- POGGI, Tatiana. **Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo**. In: **Marx e o Marxismo** v.6, n.11, jul/dez 2018.
- SILVA, Marcel V. B. **Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade**. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.
- XAVIER, Ismail. **A alegoria histórica**. In: **Teoria Contemporânea do Cinema**, vol 1. Fernão Pessoa Ramos, organizador. São Paulo: Editora Senac, 2005.